

A ORIENTAÇÃO ENTONATIVA DO DISCURSO SINALIZADO EM PERSPECTIVA

Suelismar Mariano Florêncio Barbosa¹

Resumo: Recentemente, houve um interesse renovado em considerar os aspectos da constituição do significado nas línguas sinalizadas. Nesse sentido, diversos estudos relacionados ao uso figurativo da linguagem nessas línguas demonstraram que elas dispõem de processos metafóricos que permitem mapearmos seus esquemas cognitivos. No entanto, não foram encontradas pesquisas que abordassem sobre as consequências discursivas destes fenômenos. Assim, o objetivo principal deste artigo foi investigar, sob a perspectiva de algumas obras do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1997 [1978]; VOLÓCHINOV, 2013a [1930]; VOLÓCHINOV, 2013b [1926]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), como as metáforas orientacionais, primeiramente observadas por Lakoff e Mark (1980), e contemplados nas reflexões da Linguística na Língua Brasileira de Sinais (Libras) por Ferreira Britto (1995) e Faria (2003), orientam a significação do discurso sinalizado. Para isso, evidenciamos metáforas como BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO a partir do parâmetro Movimento (M) em sinais da Libras. Os resultados dão suporte à visão de que os gestos metafóricos se organizam de maneira a favorecer certa direção valorativa na construção dos discursos visuoespaciais.

Palavras-chave: Libras. Metáforas orientacionais. Entonação expressiva.

THE INTONATIONAL ORIENTATION OF DISCOURSE SIGNALLED IN PERSPECTIVE

Abstract: Recently, there has been renewed interest in considering aspects of the constitution of meaning in sign languages. In this sense, various studies related to the figurative use of language in these languages have shown that they have metaphorical processes that allow us to map their cognitive schemas. However, no research has been found on the discursive consequences of these phenomena. Therefore, the main objective of this article was to investigate, from the perspective of some works by the Bakhtin Circle (BAKHTIN, 1997 [1978]; VOLÓCHINOV, 2013a [1930]; VOLÓCHINOV, 2013b [1926]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), such as orientational metaphors, first observed by Lakoff and Mark (1980), and contemplated in the reflections of Linguistics in the Brazilian Sign Language (Libras) by Ferreira Britto (1995) and Faria (2003), guide the signification of signaled discourse. To this end, we highlighted metaphors such as GOOD IS UP and BAD IS DOWN based on the Movement (M) parameter in Libras signs. The results support the view that metaphorical gestures are organized in such a way as to favour a certain evaluative direction in the construction of visuo-spatial discourses.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language. Orientational metaphors. Expressive intonation.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve considerável avanço nos estudos linguísticos das línguas sinalizadas, principalmente no que concerne em confirmar que, assim como as línguas orais, tais línguas têm estatuto de línguas naturais (STOKOE, 1960). Assim, diversas pesquisas, desde a metade do século XX, têm demonstrado grande interesse por evidenciar que as línguas de sinais dispõem de processos metafóricos que possibilitam desconstruir mitos tais quais o de que por serem “uma mistura de pantomima e gesticulação concreta” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31) seriam elas incapazes de desenvolver conceitos abstratos “e sutilezas tais como

¹ Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6554788235138337> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6409-454X> E-mail: suelismar.florencio@discente.ufg.br.

figuras de linguagem, as quais enriquecem a expressão” (DAVIS; SILVERMAN, 1970, p. 390 apud BATTISON, 1978, p. 57).

O debate tem ganhado relevância em razão das investigações da Teoria da Metáfora Conceptual e dos Esquemas Imagéticos (LAKOFF; MARK, 1980). Entretanto, na maioria destes estudos semântico-cognitivos focou-se apenas em verificar a presença das figuras de linguagem nos discursos visuoespaciais, criando assim uma lacuna na literatura científica, visto que evidências recentes sugerem que as metáforas orientacionais parecem instruir a seleção de sinais que compartilham a mesma metáfora subjacente durante a construção dos enunciados (BRENNAN, 1990 apud WILCOX, 2000, 51).

Diante de tal contexto, observa-se que investigar a importância desses gestos metafóricos para a totalidade discursiva das manifestações sinalizadas emerge como um novo problema a ser investigado. Assim, organizamos este trabalho em quatro seções principais: após esta breve introdução, indicamos nossas escolhas metodológicas na seção *metodologia*. Após, fazemos considerações sobre o percurso historiográfico que liga as contribuições de William Stokoe aos desenvolvimentos de George Lakoff e Mark Johnson a respeito das metáforas orientacionais. A seguir, discutimos como estes últimos estudos podem ser problematizados pela noção de entonação expressiva desenvolvida pelo círculo de Bakhtin. Por fim, realizamos considerações sobre as contribuições, implicações e limitações desta proposta.

METODOLOGIA

Por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, inicialmente apresentamos considerações acerca das relações existentes no espaço de sinalização entre os parâmetros constatados por Stokoe et. ali (1960), cujos traços distintivos constituem os itens lexicais, isto é, os sinais, e que culminam no conceito de esquemas imagéticos e metáforas orientacionais (LAKOFF; MARK, 1980).

Assim, desenvolvemos uma pesquisa de tipo exploratória, visto que este tipo de pesquisa permitirá investigar, desenvolver e modificar conceitos ao longo do processo, além de proporcionar uma maior familiaridade com o problema e um planejamento flexível, considerando diversos aspectos relacionados ao foco do estudo (Flick, 2009; Gil, 2010).

Por meio da técnica de análise documental, mesmo sem fazer menção do conjunto total da obra e apesar de estarmos certos de que não esgotamos neste trabalho a completude dos conceitos desenvolvidos, retomamos um conjunto de escritos do Círculo de Bakhtin que

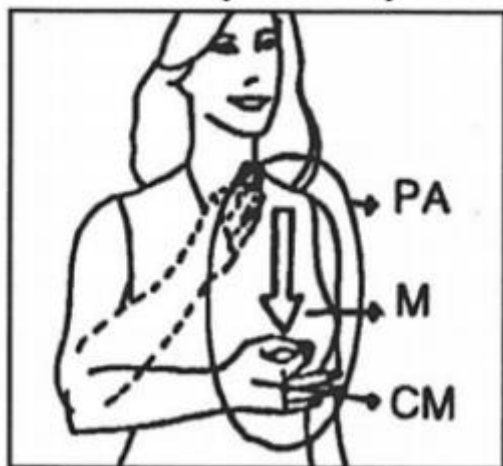
apresentam uma perspectiva que possibilita evidenciar estes os gestos metafóricos enquanto os portadores da entonação expressiva que possibilita a transferência da valoração do contexto extraverbal para o verbal.

A coleta dos dados utilizados na análise foi realizada no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al*, 2015). Os sinais da Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) considerados para compor a análise foram selecionados à medida que apresentavam processos metafóricos no parâmetro Movimento (M). Devido aos limites formais deste tipo de trabalho, apenas os resultados relativos a dois sinais da Libras, a saber “ALEGRIA” e “DESGOSTO”, são apresentados.

DE STOKOE AO CONCEITO DE ESQUEMAS IMAGÉTICOS

O reconhecimento das línguas de sinais enquanto línguas naturais, evidenciado principalmente por William C. Stokoe (1919 - 2000), foi um marco importante e decisivo para o desenvolvimento dos estudos linguísticos no século passado. Stokoe *et al* (1960) demonstraram, nas configurações dos sinais da ASL², que a estrutura sublexical das línguas de sinais são constituídas por parâmetros primários, ou seja, Movimento (M), Configuração de mão (CM) e Ponto de Articulação (PA).

Figura 1 - Os parâmetros primários da ASL



Fonte: Brito, 2010, p. 10

² A língua de sinais americana (American sign language, ASL) é a língua de sinais dominante, através da qual a comunidade surda nos Estados Unidos da América, nos lugares de expressão anglófona do Canadá, e algumas partes do México, se comunica.

Caberia, por conseguinte, aos pesquisadores que depois daí se detiveram aos estudos surdos não só abrangerem esta classificação da estrutura fonológica das línguas de sinais, como de fato o fizeram Klima e Bellugi (1979), por exemplo, destacando aqueles que seriam chamados de parâmetros secundários, quais sejam: a Orientação da Mão (Or M) e os Componentes Não Visuais (CNV) (BRITO, 2010, p. 40 -42), mas ainda, delimitar as demais estruturas gramaticais que confirmassem as diversas redes de relações significantes que somente uma linguagem produzida no espaço visual apresentaria para construir e transmitir seus significados (HOCKETT, 1978, p. 274).

Nesse sentido, muito contribuíram as investigações de George Lakoff e Mark Johnson (1980), dando início ao campo de pesquisas da Semântica Cognitiva, na qual terá lugar de destaque o estudo do significado, entendido como “aquele que emerge do corpo para o mundo [...] dos nossos corpos para a interação” (OLIVEIRA, 2012, p. 40). Logo, Lakoff e Mark (1980) vão dizer que o significado não é exclusivamente linguístico, e portanto tem natureza arbitrária, ao passo que se constitui a partir das nossas “relações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos” (ibidem) por meio do conceito que os autores chamam de esquemas imagéticos. Desta forma, o caminho entre dois conceitos seria concebido pelo esquema A É B, ou seja, “um domínio fonte/origem é projetado em um domínio alvo” (NUNES, 2019, p.30), a partir de uma metáfora conceptual.

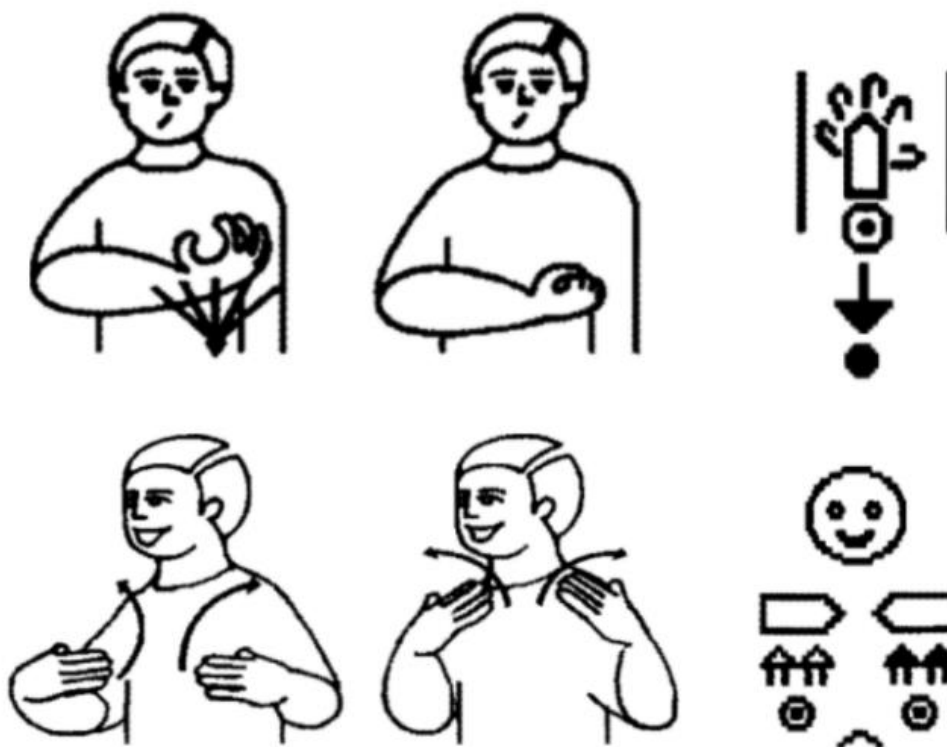
Nesse modelo nosso falar e pensar cotidianos são, na sua maior parte, metafóricos. Metáfora não são aquelas sentenças que, na escola, aprendemos a classificar como metáfora, [...] é um processo cognitivo que permite mapearmos esquemas, aprendidos diretamente pelo corpo, em domínios mais abstratos, cuja experiência é indireta. (OLIVEIRA, 2012, p. 43)

Assim, é por meio de metáforas conceituais que, na nossa atividade linguageira cotidiana, usamos expressões como: "João subiu na vida" para referenciar alguém que teve grande ascensão social; e "estou meio para baixo hoje", que expressa o pouco estado de ânimo, por exemplo.

As intersecções entre os traços mínimos fonológicos das línguas de sinais no espaço de sinalização podem também elaborar tais metáforas “originadas no contexto e motivadas pela significação de mundo partilhada” (FARIA, 2003, p. 205). Oliveira (2011), tomando partido nos estudos norte-americanos, observa pares de sinais para constatar a articulação de metáforas orientacionais como, por exemplo, BOM é PARA CIMA e RUIM é PARA BAIXO.

Assim, podemos observar, por exemplo, o uso do parâmetro Movimento (M) PARA BAIXO na configuração do sinal DESGOSTO. Neste item lexical, a “mão aberta, dedos separados e curvados, palma para cima, tocando o peito. Mover a mão para baixo, fechando-a”, conforme a figura abaixo (CAPOVILLA *et al*, 2015, p. 794, grifos nossos), configura uma série de intersecções fonológicas, que serão diametralmente opostas às “mãos horizontais abertas, palmas para trás. Movê-las para cima, tocando as pontas dos dedos nos ombros, várias vezes e sorrindo” (CAPOVILLA *et al*, 2015, p. 204, grifos nossos) que constituem o sinal ALEGRIA, prioritariamente no traço Movimento (M):

Figura 2 - Sinais DESGOSTO E ALEGRIA



Fonte: Capovilla *et. al.* (2015, p. 794).

Estes sinais, cujas relações semânticas básicas constituem esquemas imagéticos, rompem dessa forma com o caráter arbitrário em que, a priori, são compreendidos (GONZÁLEZ, 1992, p. 101). Esta motivação é operada não somente por fatores estritamente linguísticos, mas também pelos “inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 106), conforme veremos nos postulados do Círculo de Bakhtin, a seguir.

CÍRCULO DE BAKHTIN: DO ENUNCIADO À ENTONAÇÃO EXPRESSIVA

Os itens lexicais de línguas sinalizadas, vistos enquanto enunciados, constituem o material mais recorrente na comunicação cotidiana — a palavra. Eles não podem ser vistos — como Volóchinov denuncia ser o enfoque da tendência representada principalmente por Saussure — como:

Um objeto internamente imóvel e unitário, que, na verdade, não substitui, ou refrata nada, [...] um meio técnico através do qual se aponta para algum objeto (definido e imóvel) ou para alguma ação (também definida e imóvel). [...] jamais relacionado a área do ideológico. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 178)

Pelo contrário, constroem-se na relação com outros enunciados, ou seja, são formados por “[...] ecos e ressonâncias de outros enunciados [...]” (BAKHTIN, 1997 [1978], p. 297) e não podem ser concebidos simplesmente como um signo puro (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], 179). Por consequência disso, ao fazer uso dos enunciados em sua natureza dialógica, o sujeito se institui na relação com a alteridade (BAKHTIN, 1997 [1978]). Ainda segundo Bakhtin (1997 [1978], p. 261), cada enunciado é composto por um tema que reflete as especificidades de determinado campo. É justamente por cada enunciado ser estabelecido por um tema que ele tem “sentido de totalidade” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 227), tornando-se irrepetível e à espera de uma resposta. O enunciado “que horas são?”, citado como exemplo por Volóchinov, pode se relacionar à ansiedade, à vontade de vencer o jogo, ao medo de perder... E é por isso que a cada vez que seja repetido em outras situações históricas, mesmo que, com todas as letras, jamais será o mesmo enunciado novamente. Ou seja, cada falante vai impor um estilo ao enunciado à medida da situação (ibidem, p.206), estilo que, “longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo [...] envolve idiossincrasias que tem como interlocutores textos, contextos, discursos, etc. [...]” (BRAIT; MELLO, 2010, p. 87).

Assim, tema e estilo formam uma estrutura composicional fora da qual o enunciado não existe, e esta, por sua vez, tem natureza social: “a situação mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 206).

É justamente “a situação social [quem] sempre determina qual será a imagem, a metáfora [dos enunciados possíveis], a forma de enunciar [que] pode se desenvolver a partir de dada direção entoacional da vivência” (ibidem, 210). Ou seja, o contexto extraverbal composto por “1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes [...]; 2) o conhecimento e a

compreensão comum da situação, igualmente compartilhado pelos dois, e, finalmente, 3) a valoração compartilhada pelos dois, desta situação” (VOLÓCHINOV, 2013b [1926], p. 78) que contribui de maneira decisiva na interação discursiva. Desta maneira, segundo Volóchinov, todo enunciado traz consigo uma avaliação sem a qual o enunciado é simplesmente um objeto vazio e formal sem correspondência com a significação (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 157), visto que “na realidade, nunca pronunciamos [...] palavras, mas [...] uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante” (ibidem, 2017 [1929], p. 181), e mesmo quando fala de si para si mesmo, estas valorações de uma dada ideologia estão presentes no indivíduo (VOLÓCHINOV, 2013a [1930]).

Existem dois mundos, um que se costuma chamar de real, em que se encontram os fenômenos da natureza, o material tecnológico e os artigos de consumo, e outro que Bakhtin chamou de mundo dos signos, [...] Esse universo de signos é também o universo da ideologia. O encontro entre as partes do signo coloca em jogo o ideológico e o valor semiótico. Tudo que é ideológico tem valor semiótico. (MILANI, 2015, p. 61)

Uma análise que dê conta da formação das estruturas desta semiose será bastante conveniente em trabalhos vindouros, no entanto, para os interesses deste trabalho, o emergente por ora é verificar que “esse material nem sempre tem o mesmo valor” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 120 -121). A mesma palavra pode aparecer em dois contextos em colisão e é esta “alteração na ênfase valorativa da palavra em diferentes contextos”, a sua “pluralidade enfática”, que a torna viva (ibidem, 197), ou seja, a axiologia é indissociável dos discursos:

A valoração é indissociável do discurso, da sua constitutividade histórica, ideológica e cultural. Com isso, percebemos que a valoração não apenas é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas sócio-histórico-culturais constitutivas desse contexto (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p.192).

Parece ficar evidente, pelo visto acima, quais são os fatores que motivam a constituição de metáforas orientacionais como BOM é PARA CIMA e RUIM é PARA BAIXO, sejam nas línguas sinalizadas ou nas línguas orais, visto que “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 208).

Mas, ainda sim, merece destaque na presente discussão o fato de que “[...] é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais” (VOLÓCHINOV, 2013b [1926], p. 81). Por isso, fatos como

os observados por Brennan (1990 apud WILCOX, 2000, p. 51) não são fortuitos para a totalidade discursiva das manifestações sinalizadas. Ao analisar as sinalizações em LSB, a autora afirma ser possível agrupar sinais individuais em um conjunto que compartilha a mesma metáfora orientacional subjacente. A fim de citarmos um exemplo, para o qual não deliberaremos uma análise sistemática neste trabalho, apesar de a considerarmos essencial em trabalho posterior, podemos observar o conto A cobra grande adaptado na obra Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas, organizada pela Professora Ms.a Taisa Aparecida Carvalho Sales em conjunto com os alunos do 4o período de Letras/Libras da UFAM, no ano de 2016. Nele, é possível notar que se multiplicam no discurso recorrências do parâmetro

Movimento (M) PARA BAIXO, quando são sinalizados termos como “castigo”, “tristeza”, “surdez”, entre outros aí disforizados, para a constituição do percurso narrativo da protagonista Ubiraci, personagem surda (o mesmo ocorre, de maneira contrária, na descrição de Taiguara, adjuvante ouvinte, irmão de Ubiraci).

Assim, a axiologia presente na metáfora orientacional RUIM É PARA BAIXO deste texto é reiterada e ganha apoio por essa repetição no enunciado a fim de “esgotar completamente a entonação acumulada”. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 236). É perceptível, portanto, como na sinalização a entonação expressiva determina a “[...] a escolha e a ordem [dos] elementos significantes do enunciado” (ibidem, 236, grifos nossos), construindo e conservando imagens acústico-valorativas, ou, caso preferamos os termos dos estudos sociocognitivos, metáforas orientacionais, à medida que “[...] cada entonação necessita de palavras que lhe sejam correspondentes” (VOLÓCHINOV, 2013a [1930], p. 177), para garantir a orientação social da enunciação:

A situação e o auditório, como já dissemos, determinam sobretudo a orientação social da enunciação e, finalmente, o próprio tema da conversação. A orientação social, por sua vez, determina a entonação da voz e a gesticulação – que dependem parcialmente do tema da conversação – nas quais encontra sua expressão exterior a relação dessemelhante do falante e do ouvinte naquela situação e sua diferente valoração (VOLÓCHINOV, 2013a [1930], p. 180-181).

Dado que entonação expressiva pertence ao enunciado (BAKTHIN, 1997 [1978], p. 291) é difícil apreender os “estados emotivos, como paixões, vontades, raciocínios e ideologias” (MILANI, 2015, p. 62) presentes na totalidade discursiva considerando apenas os esquemas imagéticos postulados pelos estudos sócio-cognitivos, cuja proposta analítica se refere ao nível

frástico. Por isso, considerar a relação entre os conceitos de entonação e julgamento de valor na constituição dos enunciados possibilita-nos recuperar os sistemas subjacentes que regem a composição discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi desenvolvido com intuito de investigar qual a importância discursiva de gestos metafóricos. Constatou-se, ao analisar as obras do Círculo selecionadas para este trabalho, que a constituição de gestos metafóricos nas línguas sinalizadas sofrem determinação da entonação expressiva, estudada por Bakhtin e seus seguidores (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], 236), e que esta *a priori* explica a reiteração de metáforas orientacionais, fenômeno este que tem significativas implicações a serem consideradas pelas Análises do Discurso, sendo necessários outros estudos que abranjam estas intersecções nos demais parâmetros das línguas sinalizadas com objetivo de compreender melhor estes fatos linguísticos. De todo modo, consideramos, por ora, que as implicações aqui analisadas avançam as discussões sobre os processos abstratos presentes nas línguas de sinais e trazem contribuições para as pesquisas linguísticas dos Estudos Surdos, até aqui desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 14, n.1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n1/11.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1978].
- BATTISON, R. **Lexical borrowing in american sign language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosilene de. **Enunciado/enunciado concreto/enunciação**. In: BRAIT, Beth (org). Bakhtin: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: TB - Edições Tempo Brasileiro, 2010. 273 p. ISBN 9788528200690.
- CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W.; MAURICIO, A. **Novo Deit-Libras**: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da LIBRAS. 3. ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2015.

FARIA, Sandra Patrícia. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, UNB. 2003.

GONZÁLEZ, M. A. R. **Lenguaje de signos**. Madrid: Confederación Nacional de Sordos de España, 1992.

HOCKETT, C. F. **In search of Jove's brow**. American Speech, Durham, NC, v.53, n.4, p. 243-313, 1978.

LAKOFF, G.; MARK, J. **Metaphors We Live By**. Chicago: Chicago Press, 1980.

LÍNGUA de sinais americana. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_de_sinais_americana> Acesso em: 24 set 2021.

MILANI, Sebastião Elias. O signo para Humboldt, para Saussure e para Bakhtin. **Signo** [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 55-65, jan./jun. 2015.

NUNES, V. F. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, jan. 2019. ISSN 1982-2014. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/signo.v44i79.12832>.

OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina [Orgs.]. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. v. 2, cap. 4, p. 113-165.

OLIVEIRA, P. H. **Metáfora Conceptual e Libras: uma abordagem cognitiva da surdez**. 2011. Dissertação Mestrado em Linguística - Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2011.
QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

SALES, T. A. C. (Org.). **Onze Histórias e um Segredo: desvendando as lendas amazônicas**. Manaus – AM. 2016.

STOKOE, W. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Silver Spring: Listok Press, 1960.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. A construção da enunciação. In: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013a [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. A palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros enunciados**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João editores, 2013b [1926].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], 373p.

WILCOX, P. P. **Metaphor in American Sign Language**. Program at the University of New Mexico: Albuquerque, NM, 2000.

Recebido: 12 de outubro de 2023.

Aceito: 17 de novembro de 2023.